

Brasil lança títulos no exterior

● *Petrobrás coloca até US\$ 100 milhões em papéis com taxas flutuantes*

Vidal da Trindade — 22/02/89

Coriolano Gatto

O Brasil vai voltar, pelas mãos da Petrobrás, ao importante mercado de títulos com taxas flutuantes, nos Estados Unidos e na Europa, após ficar distante quase 10 anos por conta da crise externa detonada em 1982. É o primeiro sinal de que a proposta brasileira para o acordo da dívida externa — que envolve o desembolso neste ano de US\$ 2 bilhões — começa a ser bem aceito pela comunidade financeira internacional. Dentro de um mês e meio, a estatal vai emitir as *floating rating notes*, em um valor que oscila entre US\$ 50 milhões e US\$ 100 milhões. Inicialmente, o título terá um prazo de dois anos.

“É um mercado de marketing, que aumenta a penetração do Brasil lá fora”, resume o diretor financeiro da Petrobrás, Carlos Thadeu de Freitas Gomes, que retornou ontem de Nova Iorque, onde manteve contatos com grandes bancos americanos. Quer dizer, o que importa não é tanto o volume inicial da emissão — uma cifra modesta para uma empresa que fatura por ano US\$ 15 bilhões —, mas a possibilidade de abertura no mercado financeiro externo.

Abertura — “O acordo da dívida está abrindo algumas portas”, revela o economista, que foi diretor da Dívida Pública do Banco Central, em 1989. Pelo menos 10 bancos americanos devem participar da emissão inicial, que terá como endereço também o mercado europeu, mas tudo ainda depende do

sinal verde do Banco Central. Carlos Thadeu observa que por conta do primeiro acerto em torno da dívida externa melhorou bastante a imagem do país lá fora. Neste ano, a Petrobrás vai pagar US\$ 200 milhões dos US\$ 800 milhões de sua dívida contraída para a importação de equipamentos. Até agora, a estatal já desembolsou um total de US\$ 80 milhões. Vão ser pagos, também em 1991, outros US\$ 3 milhões de dívida externa em moeda.

Outra brecha importante que o diretor financeiro conseguiu abrir nos Estados Unidos é a possibilidade do que ele define como a *securitização* da receita de exportação com gasolina. Funciona da seguinte forma: para uma venda futura de gasolina ao mercado externo, a estatal receberia um adiantamento do pagamento. De posse dos recibos dos compradores da gasolina, o banco tentaria obter dinheiro junto aos investidores. “O risco não é só nosso, mas também do comprador”, resume.

Interesse — O economista detectou que o interesse por papéis latino-americanos é crescente, embora ele observe que os bancos norte-americanos, de modo geral, atravessam momentos de dificuldades, já sentindo bem de perto os efeitos da recessão. A redução das taxas de juros — uma fórmula que visa reduzir o desaquecimento na economia norte-americana — ajuda bastante a colocação das *floating notes*, que, assim, podem oferecer um ganho mais atraente ao investidor. “Podemos pagar um rendimento mais favorável”, arremata.



Gomes: aumenta a penetração do Brasil no exterior